

A MORTE DO DITADOR

Faleceu nessa semana (17/12/2011) o ditador norte-coreano Kim Jong-il. Durante 17 anos, ele cultivou um dos regimes mais fechados do mundo baseado no culto a si mesmo e no sistema comunista. Durante seu governo, mais de 21 milhões de norte-coreanos fugiram para a Coreia do Sul e outros tantos para a China. Conhecido por sua excentricidade, tinha costumes estranhos, como promover banquetes que duravam quatro dias, só comer grãos de arroz que tivessem o mesmo tamanho, cor e formato, só usava óculos enormes, e por aí vai. Se sua excentricidade fosse sua única grande dificuldade, menos mal. O que fez dele um homem temido e odiado foi sua total frieza em relação ao seu povo. Em seu governo, milhares morreram de fome. Outros tantos foram submetidos a sacrifícios terríveis que envolviam trabalhar molhados durante o inverno rigoroso ou ficar dias sem dormir, apenas para cumprir exigências do ditador. Estudiosos de seu comportamento, como o professor da USP Nelson Bacic Olic, declaram que todos esses atos maldosos se deviam a uma arrogância descontrolada. Ele se considerava um deus. Os títulos pelos quais exigia ser chamado já mostram isso: “líder supremo”, “comandante supremo” e “nosso pai”. Esse verdadeiro culto a si mesmo acabou levando-o a construir uma das piores ditaduras do mundo. Talvez a única coisa boa que tenha deixado é a invenção do hambúrguer, só que essa versão é anunciada pelo próprio Kim, o que já nos faz duvidar de sua veracidade.

De certo modo, todos nós corremos o risco de nos tornarmos ditadores, em uma escala menor, mas igualmente destrutiva e perigosa. Herdamos isso de Adão e Eva, que quiseram ser como Deus (Gênesis 3.5). Muitas pessoas foram afetadas por essa mesma vontade e acabaram construindo ditaduras em empresas, países, famílias e, por que não dizer, igrejas. Não importa o ambiente: todo lugar é propício para a ditadura. É só aparecer alguém que ultrapassa os limites do relacionamento sadio entre as pessoas e da liderança servidora e cristã. O maior líder de todos os tempos – Jesus Cristo – não foi um ditador. Ele nos dá a receita de um governo e liderança sem opressão e exageros através de um princípio prático: “Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal” (Marcos 10.43). Jesus incentivou a morte do ditador que vive em nós através do exercício do serviço voluntário e espontâneo. Ensinou-nos a ter uma mente diferente daquela encontrada na sociedade em que cada um cultua a sua própria personalidade e busca súditos que confirmem esse doentio costume. Somos desafiados por Jesus a dominar os nossos sentimentos e engolirmos nossas vaidades.

Há um ditador dentro de nós. Precisamos dominá-lo, prendê-lo e sufocá-lo constantemente. Ao fazermos isso, liberaremos espaço para o Espírito Santo de Deus agir e promover o fruto próprio de uma liderança espiritual que pode ser compreendido como “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gálatas 5.22-23). O mundo e a igreja não precisam de líderes semelhantes a Kim Jong-il, mas sim semelhantes a Jesus Cristo. Multidões seguiram Jesus sem nunca terem sido obrigadas a fazer isso. Ele foi obedecido sem precisar pressionar ninguém. Os primeiros crentes foram perseguidos e se tornaram mártires voluntariamente. Eles acharam que valia a pena seguir a Jesus! Esse é o nosso exemplo. Devemos despertar, naqueles que nos cercam, esse desejo de se submeterem a uma liderança servidora e não ditadora.

Kim Jong-il morreu sem deixar muita saudade. Nós estamos vivos e podemos ainda deixar um legado de liderança servidora e amorosa. Façamos isso enquanto há tempo e que haja em nós aquele mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus (Filipenses 2.5)!

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez
Pastor Titular da Igreja Batista Betel
www.prgimenez.net
prgimenez@prgimenez.net